

“A língua e a escrita”: um distanciamento teórico entre Saussure e Benveniste*
“Language and writing”: a theoretical distance between Saussure and Benveniste

Irène Fenoglio
ITEM (CNRS-ENS)

ABSTRACT

In this paper, attention will remain focused on the issue of writing according to Saussure and Benveniste.

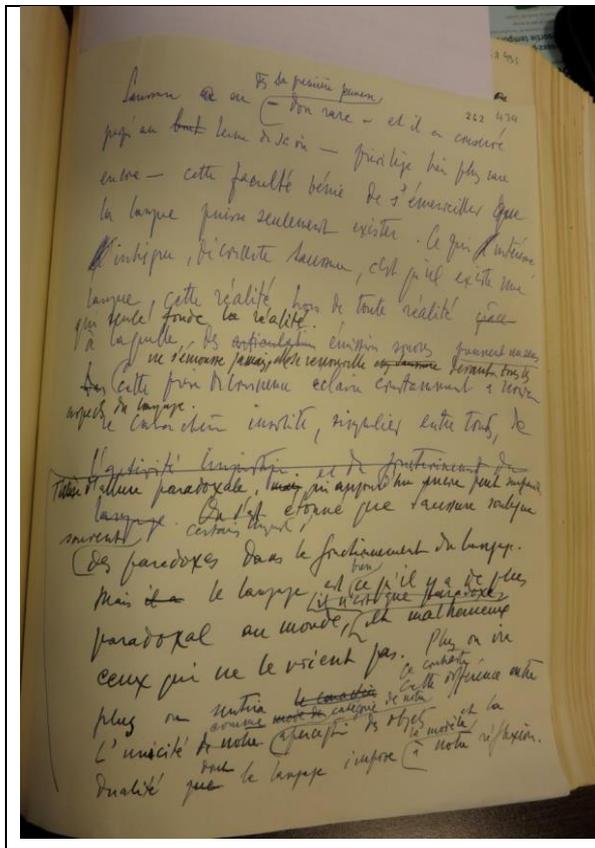
KEYWORDS : Benveniste; Saussure ; Writing

RESUMO

Neste trabalhos, nós focalizaremos a questão da escrita segundo Saussure e Benveniste.

Palavras-chave: Benveniste; Escrita; Saussure

INTRODUÇÃO



Saussure teve <desde sua tenra juventude> - dom raro - e manteve até o ~~término~~ fim de sua vida - essa faculdade abençoada de se maravilhar com o fato de que a linguagem possa simplesmente existir. O que ~~he~~ interessa, ~~he~~ intriga, desconcerta Saussure é que existe uma língua, esta realidade fora de qualquer outra realidade ~~grças~~ <que sozinha funda a realidade> na qual as ~~articulações~~ emissões sonoras realizam um sentido.

Esta tomada de consciência <jamais se enfraquece, ela se renova ~~em Saussure~~ em todos os aspectos da linguagem> ilumina constantemente e sempre a natureza incomum, singular entre todos ~~da atividade linguística e do funcionamento da linguagem~~ de aparência paradoxal, ~~mas~~ que, ainda hoje, pode surpreender. ~~Alguns linguistas~~ Ficamos surpresos que Saussure muitas vezes enfatize os paradoxos no funcionamento da linguagem. Mas ~~haver~~ a linguagem é <bem> o que há de mais paradoxal no mundo <ela é puro paradoxo> e infelizes aqueles que não percebem isso. Quanto mais olharmos, mais sentiremos ~~o caráter~~ este contraste, esta diferença entre a unicidade de nossa <como ~~modo de~~ categoria de nossa> apercepção dos objetos e a dualidade ~~que~~ que a linguagem impõe <~~o modelo~~> à nossa reflexão¹.

*Tradução: Ana Luisa Camino (UFRN/UFPB); Hozanete Lima (UFRN/PPgEL).

É com esta herança e admiração que trabalha Benveniste, o que não o impedirá de ler Saussure sob uma perspectiva crítica. Na presente contribuição, a atenção continuará focada na questão da escrita. Benveniste, dada a constatação – admirativa – de que Saussure tivesse “essa faculdade abençoada de se maravilhar com o fato de que a linguagem possa simplesmente existir”, censurou o último por não se surpreender o suficiente com o fenômeno que constitui a escrita.

Em 2012, juntamente com Jean-Claude Coquet, nós publicamos os últimos cursos de linguística geral de Benveniste (BENVENISTE, 2012), cujas oito lições, de conteúdo até então inédito, são dedicadas à escrita.

Vejam como Benveniste resume esta parte do curso de 1968-1969 sobre a escrita:

Finalmente, nós examinamos as relações entre a língua e o sistema semiótico constituído pela escrita. Após um exame detalhado que nos fez percorrer os diferentes modelos de escrita documentados na história, pareceu-nos que, contrariamente à ideia admitida por todos, a escrita não constitui um sistema distinto. Ele é o prolongamento ou a projeção da própria língua e, portanto, a mesma situação no que respeita aos sistemas extralinguísticos. Nós vemos na escrita o instrumento e a manifestação do processo de autosemiotização da língua. Um exame dos resultados descritos aqui será oportunamente publicado na nova revista *Semiotica*².

1 Fundamentos benvenistianos e legado saussuriano

Em 1958, em um artigo dedicado às “Catégories de pensée et catégories de langue” [Categorias do pensamento e categorias da língua], Benveniste destacou o caráter inconsciente de nossa prática verbal:

Nós fazemos da língua que falamos usos infinitamente variados, cuja simples enumeração deveria ser coextensiva a uma lista de atividades em que a mente humana pode se engajar. Em sua diversidade, esses usos apresentam, no entanto, duas características em comum. Uma delas é que a realidade da língua permanece, de modo geral, inconsciente; exceto o caso do estudo propriamente linguístico, nós não temos mais do que uma frágil e fugaz consciência das operações que realizamos para falar. A outra é que, por mais abstratas ou particulares que sejam as operações do pensamento, elas recebem expressão na língua. (BENVENISTE, 1966, p. 63)

É esse mesmo caráter inconsciente, desta vez da prática da escrita e da significação dessa prática, que Benveniste se propõe a investigar em seus cursos de linguística geral em 1969, no Collège de France, para trazer à luz o lugar da escrita em relação à língua, mas também para compreender como a escrita chegou aos homens. É necessário, diz ele, “repensar sob nova perspectiva, em sua relação primordial, a língua e a escrita”.

Nesta retomada sobre a questão da escrita há essa vontade de compreender de que maneira ela se inscreve como ligada intrinsecamente ao homem falante. *Em que*, mais que *quando*, em que e *como*. Retomemos esta passagem tão forte, tão engajada do “De la subjectivité dans le langage” [Da subjetividade na linguagem]:

¹Nota manuscrita isolada. Fonds Benveniste de la BnF, PAP ou 31, f° 242. É possível que esta seja uma nota preparatória para a escrita do artigo “Saussure après un demi-siècle” (*Cahiers Ferdinand de Saussure*, n° 20, 1963).

²*Annuaire du Collège de France, 69^{ème} année, Paris, Imp. Nationale, 1969, p. 364.*

Na realidade, a comparação da linguagem com um instrumento, e é necessário que seja um instrumento material para que a comparação seja simplesmente inteligível, deve nos encher de desconfiança, como toda noção simplista em relação à linguagem. Falar de um instrumento é colocar em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha e a roda não estão na natureza. Eles são fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Nós somos sempre inclinados a essa imaginação inocente de um período original, quando um homem completo iria encontrar um semelhante, igualmente completo, e entre eles, pouco a pouco, a língua se elaboraria. Isso é pura ficção. Nós jamais alcançaremos o homem separado da linguagem e nunca o vemos inventando-a. Nós jamais alcançaremos o homem reduzido a si mesmo e sua criatividade para conceber a existência de outro. É um homem falante que nós encontramos no mundo, um homem falando para outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. (BENVENISTE, 1966, p. 259)

Ora, esta passagem está inscrita no artigo consagrado à subjetividade, como passagem obrigatória. Não há linguagem de um lado, do outro, o homem, de um lado, a sociedade, do outro, a subjetividade: a linguagem, graças à utilização de um sistema de língua, qualquer que ele seja, é o elo que faz com que todo homem seja social e subjetivo.

De igual modo, a escrita não será considerada como um mero “instrumento” destacável. Certamente, ela é uma “invenção”, mas ela está na língua: ela vem daí, ela a mostra, ela a constitui, e isto tudo ao mesmo tempo.

Benveniste adotará deliberadamente o ponto de vista do linguista, mas esse ponto de vista é aquele de um linguista profundamente iluminado pela antropologia; um linguista para quem a linguagem serve “não apenas para se comunicar, mas para viver”, segundo seus próprios termos. Ele considera, portanto, o fenômeno da escrita em uma amplitude ao mesmo tempo espacial e histórica, remontando, inclusive, à pré-história, mas tendo claramente no espírito a natureza exata do trabalho ao qual o linguista pode se propor.

O que é um ponto de vista linguístico? Benveniste descreve muito especificamente essa questão abrindo seu curso de linguística geral no Collège de France de 1963-1964³; pode-se, com efeito, ler, no manuscrito seguinte⁴:

³ Estes cursos no Collège de France, 1963-1964, estão ainda inéditos. As notas se encontram no Fonds Benveniste de la BnF (PAP OR, boîte 43, aprox. 104 e 105).

⁴ BnF, PAP OR, boîte 43, aprox. 105, f° 75).

Para Benveniste, a “origem” da linguagem segundo Saussure seria a escrita? A nota é ambígua sobre este ponto. Mais adiante, nas mesmas notas preparatórias, ele vai especificar que a escrita é, consoante Saussure, um sistema, ao lado da língua⁶:

<p><i>Assim são definidos à la fois le ^{place de la langue} domaine et les éléments ^{de la langue} de la langue.</i></p> <p><i>Le plan de la linguistique. N'est pas le lieu de l'individu ou de l'esprit (psychol.) ni dans celui de la société (sociol.) mais une catégorie nouvelle: la science sémiotique.</i></p> <p><i>Cette vue est neuve; non pas seulement pour ce qui la concerne à la nature de la langue, mais absolument, quant à la science comme branche de la science.</i></p> <p><i>Qu'est devenue cette notion: elle a été à peine évoquée hors de la langue, Saussure cite: signaux maritimes, signaux muets, écriture par accents. Par dessus tout, être remarqué que tous ces systèmes sont secondaires par rapport à la langue et dépendent d'elle, notamment l'écriture. La langue est le système sémiotique.</i></p>	<p>Assim são definidos ao mesmo tempo o domínio espaço <da lingüística> e os <u>principais elementos</u> da língua.</p> <p>O lugar da lingüística. Nem nas ciências do indivíduo ou do espírito (psicol.), nem nas ciências das sociedades (sociol.), mas em uma <u>nova categoria</u>: as ciências semióticas.</p> <p>Esta visão é nova; não só pelo que diz respeito à natureza da linguagem mas, absolutamente, no que respeita à semiótica como um ramo da ciência.</p> <p>O que aconteceu com esta noção: ela foi apenas considerada. Fora da língua, Saussure cita: sinais marítimos, [ill.], escrita para cegos. Acima de tudo, <u>escrita</u>. Observar que todos estes sistemas são secundários em relação à língua e dependem dela, principalmente a escrita. A língua é o sistema semiótico.</p>
--	--

Nesta nota inédita, em que Benveniste aborda a noção de escrita, retomamos esta frase: “Observar que todos esses sistemas são secundários em relação à língua e todos dependem dela, especialmente a escrita”. Ele parece adotar, portanto, em 1963-64, esta concepção de Saussure sem reexaminá-la. Veremos, muito rapidamente, que sua visão da relação entre língua e escrita vai mudar significativamente entre o curso de 1963 e as lições de 1969. Em 1963, adotando a visão saussuriana, ele não se ocupa com a questão da escrita; em 1969, ele se detém especificamente sobre esta questão. Pode-se supor que as produções em seu entorno, em 1967, bem como a leitura de Derrida (*De la grammatologie; L'écriture et la différence*) [Da gramatologia; A Escrita e a diferença], forçaram-no a abordar seriamente esta questão.

Lembremos que os últimos cursos que ele oferece, durante este período, no Collège de France, são alimentados por uma forte atividade em que todos os tipos de pesquisa e escrita estão simultaneamente presentes: exposição de sua concepção de sentido na linguagem no Simpósio de Semiótica de Varsóvia, publicação de “Sémiologie de la langue” [Semiologia da Língua], artigo no qual ele explicita o conceito fundamental do par “semiótica/semântica”; ele aceita, em 1969, o cargo de primeiro Presidente da Associação Internacional de Estudos Semióticos, associação que ele ajudou a criar, e do Círculo de Semiótica de Paris. É neste quadro, intensamente agitado, que ele desenvolve domínios cujos resultados não foram ainda formalizados em artigo, tal é a problemática da escrita. É, então, neste contexto de reflexões sobre a natureza semiótica/semiológica da língua que devem ser lidos seus cursos sobre a escrita, uma história e uma reflexão sobre a escrita que não podemos ler, portanto, em nenhuma das publicações do linguista, mesmo que seu interesse pela escrita seja constante, como testemunha esta advertência no final da primeira parte da semiologia da língua (escrita em 1968, assim, ao mesmo tempo em que prepara seus cursos de 68-69): “Não diremos nada sobre a escrita aqui, reservando um exame especial a este problema difícil”. (BENVENISTE, 2012, p. 88)

⁶ BnF, PAP OR, boîte 43, env. 105, f° 65

⁷ No resumo que ele elaborou de seu curso no *Annuaire du Collège de France (69^{ème} année, Paris, Imp. Nationale*, p. 364), ele indica uma próxima publicação do seu desenvolvimento sobre a escrita: “Uma visão de resultados descritos aqui será publicado em breve na nova revista *Semiotica*”, na mesma revista, portanto, que acolheu seu artigo “Sémiologie de la langue”, como uma sequência, talvez.

2 Programa de Benveniste sobre a escrita

Quando Benveniste começa seu curso sobre “a escrita e a língua”, o seu primeiro ponto de destaque é o seguinte: hoje, certamente, não estamos fazendo a dissociação entre a língua, a fala e a escrita. Ora, é necessário “repensar sob nova perspectiva, em sua relação primordial, a língua e a escrita”:

Nós vivemos na civilização do livro, do livro lido, do livro escrito, da escrita e da leitura. Nosso pensamento é constantemente, em qualquer nível que seja, informado de escrita.

Isso coloca em relação, cada vez mais íntima, mais íntima impossível, a escrita com a língua inteira, a fala e o próprio pensamento, que não se dissocia mais de seu registro real ou imaginário. **Qualquer reflexão sobre a língua, em particular, dá origem, em nosso pensamento, à forma escrita em que os signos linguísticos tornam-se realidade visível.**

Essa condição em que estamos com relação à escrita oculta em nossos olhos a maior dificuldade do problema, uma dificuldade que considera muito menos a matéria do que a forma com a qual instintivamente vemos-la; é que, sem um esforço de imaginação que bem poucos são capazes, nós não somos mais capazes de nos separar da nossa experiência milenar para **repensar sob nova perspectiva, em sua relação primordial, a língua e a escrita.** (BENVENISTE, 2012, p. 91 – ênfase nossa).

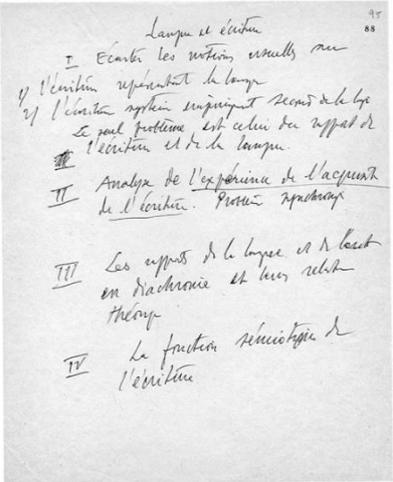
Eis então o programa de Benveniste. O termo “primordial” não é trivial, ele não foi escolhido ao acaso e é necessário tomá-lo em toda sua força. Esse termo (do latim *primordium*: origem, acontecimento) significa ao mesmo tempo essencial, fundamental, primitivo e primeiro. Através desta insistência, Benveniste indica seu caminho e designa seu objeto.

Face a esta abertura programática, um segundo ponto de destaque aparece: a escrita não é a “língua escrita”, ou seja, ele precisa, “a língua sob a forma escrita”, dirigindo sua crítica a Saussure.

Trata-se, para Benveniste, de analisar a escrita “como sistema semiótico, o que Saussure não faz”. Então ele se distancia de Saussure na medida em que, segundo ele, Saussure postula que a escrita é “subordinada à língua”. Lembremos que no *Cours de linguistique générale* [Curso de linguística geral], Saussure mostra que o pensamento da língua é passado da gramática para a filologia (ora, a filologia é fundada sob o escrito); depois, da filologia à gramática comparativa, que se apoia em uma filologia comparativa (escritos de acordo com diferentes línguas). Ele constata, então, que a filologia não é uma ciência linguística, pois ela não se ocupa “da língua considerada em si mesma e por ela mesma”. Saussure observa bem que a filologia se constrói sob o escrito e ele a distancia da linguística que ele quer construir, mas ele não se prende, de fato, à questão da escrita: o escrito se apresenta, assim, como transparente a si próprio.

Benveniste se pergunta porque Saussure não se surpreende com a escrita e, de modo contrário, expõe, verdadeiramente, sob a forma de um problema, a relação entre a escrita e a língua como um objeto teórico. Sua reflexão é, ao mesmo tempo, tética, epistemológica e metodológica. Basta que se mostre seu rascunho do plano do curso de 1969 sobre a escrita⁸ onde anota explicitamente: “I. Afastar-se das noções habituais sobre 1) a escrita representante da língua 2) a escrita sistema empiricamente segundo da língua. O único problema é aquele da relação entre a escrita e a língua”:

⁸ BnF, PAP OR, boîte 43, env. 80, f° 88 (publicada no *Dernières leçons*, p. 90).

 <p>Langue et écriture I Écarte les notions usuelles sur 1) l'écriture représentative de la langue 2) l'écriture système empiriquement second de la langue Le seul problème est celui du rapport de l'écriture et de la langue. II Analyse de l'expérience de l'acquisition de l'écriture. Processus synchronique III Les rapports de la langue et de l'écrit en diachronie et leur rôle théorique IV La fonction sémiotique de l'écriture</p>	<p>Língua e escrita</p> <p>I Afastar-se das noções habituais sobre 1) a escrita representante da língua 2) a escrita sistema empiricamente segundo da língua</p> <p>O único problema é aquele da relação entre a escrita e a língua.</p> <p>II Análise da <u>experiência da aquisição da escrita</u>. Problema sincrônico</p> <p>III As relações da língua e da escrita em diacronia e sua relação teórica</p> <p>IV A função semiótica da escrita</p>
---	---

3 Leitura Crítica do CLG de Saussure

Essa leitura crítica se opera segundo vários aspectos que pontuam o percurso programático de Benveniste.

A concepção saussuriana da escrita está disponível apenas no capítulo de Introdução ao *Cours*, no Capítulo VI, intitulado “Représentation de la langue par l’écriture” [Representação da língua pela escrita] (cujo título, já significativo, permite a Benveniste concentrar-se neste termo “representação”) e através do parágrafo 3 do capítulo VII sobre a fonologia, parágrafo intitulado “critique du témoignage de l’écriture” [crítica ao testemunho da escrita].

Ao ler o CLG, somos surpreendidos pelo acúmulo de elementos negativos que caracterizam a escrita para um tão pequeno número de páginas, “escrita estranha ao sistema interno [da língua]” (p. 44), “a palavra escrita usurpa a palavra falada” (p. 45), “fotografia do sinal vocal” (p. 45), “prestígio da forma escrita” (p. 46), “prestígio da escrita” (p. 46), “imagem gráfica das palavras” (p. 46), “importância imerecida da escrita” (p. 47), “imitação” (p. 52), “tirania da letra” (p. 53), “a imagem visual chega a criar pronúncias viciosas; é um fato estritamente patológico” (p. 53), “estranha ao sistema interno”, “imagem” do vocal, verdadeiro elemento linguístico de “prestígio”, “imagem gráfica das palavras”, “fator estranho” (p. 54), “elemento artificial” (p. 55), “ilusões da escrita” (p. 56), “apoio enganoso”, “natureza enganosa da escrita” (p. 58), “signo gráfico é apenas uma imagem” (p. 58).

Surpreendemo-nos também com o fato de que as características – negativas – da escrita nem sempre se expressam de modo tão rigoroso por Saussure em termos linguísticos, mas em termos de linguagem cotidiana.

Para o Saussure do *Cours de linguistique générale*, a língua e a escrita são dois sistemas distintos de signos, mas o segundo “representa” o primeiro; assim, a escrita representa a língua que lhe seria anterior. Face a esta visão, Benveniste avança com argumentos críticos que oferecem outras perspectivas. É importante, contudo, enfatizar que estas críticas são essencialmente baseadas no *Cours de linguistique générale*. Hoje, a visão saussuriana da escrita apresentaria mais nuances, como diz Pierre-Yves Testenoire:

A escrita recebe, no conjunto do CLG, um tratamento profundamente ambivalente: criticada como mediação enganosa da língua, ela é também requerida como uma analogia pertinente para refletir as características do objeto linguístico. A escrita em Saussure participa também do que chamamos de um duplo processo de velamento e desvelamento da língua. Os manuscritos autógrafos revelaram ainda que os sistemas de signos gráficos – especialmente na nota sobre Whitney e nos manuscritos sobre as lendas – ocupam um lugar central

na reflexão semiológica do linguista. Quanto aos cadernos dos anagramas, se eles desenvolvem, com a hipótese do *stab*, uma reflexão paralela sobre a escrita, eles são principalmente o lugar de uma prática conflitual, quase vertiginosa, das relações entre o oral e o escrito. Estes documentos, se eles não invalidam completamente a tese de um fonocentrismo saussuriano, convidam para melhorar a imagem dada pelo capítulo 6 do *CLG*. (TESTENOIRE, 2016, p. 37)

3.1 A escrita não é “a língua escrita”

Como é introduzida, no *CLG*, a questão da escrita?

[...] embora a escrita seja em si mesma estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração de um procedimento segundo o qual a linguagem é constantemente figurada; é necessário conhecer-lhe a utilidade, os defeitos e os perigos. (SAUSSURE, 1972, p. 44-45)

Nós limitaremos nosso estudo ao sistema fonético e, especialmente, a um que está em uso hoje, cujo protótipo é o alfabeto grego. (SAUSSURE, 1972, p. 48)

Benveniste responde:

Saussure decide falar da escrita remontando ao alfabeto grego. Mas os outros? Não confundamos a escrita com a língua escrita (eu uso esta expressão para significar “a língua sob a forma escrita”).

O que Saussure tem em vista em sua discussão é o conhecimento da língua que nós consideramos em sua forma escrita. E ele insiste sobre os perigos, as ilusões ligadas a esta representação. Ninguém o contestará. Mas estamos completamente fora do problema que é a relação da escrita com a língua. Ele confunde a escrita com o alfabeto e a língua com uma língua moderna. Mas as relações entre a língua moderna e a escrita são específicas, não universais (BENVENISTE, 2012, p. 92).

Aí se encontra, sem dúvida, uma questão essencial. Marcel Cohen, por exemplo, intitula um de seus capítulos “Écritures et langues” [Escritas e línguas] (COHEN, 1953, p. 129) e só interessa ao capítulo questões ortográficas. Da mesma forma, estudos anteriores, como aqueles reunidos por Nina Catach em *Pour une théorie de la langue écrite* [Por uma teoria da língua escrita], limitam-se – como o título sugere – ao campo restrito e específico da sintaxe do escrito (CATACH, 1988)⁹.

Benveniste formula o “problema” tal qual deseja representar: esse problema é o da “relação da escrita com a língua” (BENVENISTE, 2012, p. 92), fora da evolução histórica da escrita e de sua difusão. Ele indica e precisa, então, desde o primeiro curso sobre a escrita, a natureza de sua reflexão. O problema que ele coloca se delinea de acordo com as três questões seguintes:

- questionar sobre “a língua enquanto representada pela escrita”;
- questionar sobre esta própria representação;
- questionar sobre a escrita em si, ou seja, sobre a escrita enquanto “sistema semiótico” fora de suas condições históricas de desenvolvimento.

Trata-se de analisar a escrita “como um sistema semiótico, o que Saussure não faz.” (BENVENISTE, 2012, p. 92). Portanto, Benveniste distancia-se de Saussure uma vez que, segundo ele, Saussure confunde “a escrita com o alfabeto e a língua com uma língua moderna”, e postula que a escrita é “subordinada à língua.” (BENVENISTE, 2012, p. 91-92).

O *Cours de linguistique générale* desliza da filologia à escrita e a constatação será que a filologia não é uma ciência linguística, pois ela não se ocupa “da língua considerada em si mesma e por ela

⁹ Neste volume, o artigo de J.-L. Chiss e C. Puech intitulado “Le cours de linguistique générale et la représentation de la langue par l’écriture” (p.47-54) reflete mais sobre a noção de interpretação do que sobre a escrita.

mesma". A Filologia está distante da linguística que Saussure pretende construir, mas a questão da escrita não é completamente colocada: o escrito e a escrita aparecerem, assim, como transparentes.

Benveniste, portanto, questiona o próprio ato de escrever, de grafar, e para isto remonta a um tempo distante. O que lhe interessa é entender a ligação exata que pode ser estabelecida entre a língua e a escrita, questionando como ela foi inventada, sem, diz ele, procurar, no entanto, a "origem da escrita"; ele busca compreender as diversas soluções da "representação gráfica" que os homens encontraram para significar.

3. 2 Tentativas de abordagens da invenção da escrita e de uma definição

Para bem entender a ruptura epistemológica que constitui o fato de se considerar a escrita como um sistema em si, Benveniste remonta a um tempo mais longe possível: aos desenhos do homem primitivo.

Desde o início do curso 9, de 10 de fevereiro de 1969 (BENVENISTE, 2012, p. 97), Benveniste expõe duas questões:

- aquela "do início da escrita": não são os primeiros vestígios encontrados até agora no Egito e na Suméria que asseguram o início;
- e aquela da diferença entre os sistemas de escrita, ou seja, as diversas e inúmeras representações da linguagem pela escrita.

Benveniste observa que, para abordar a invenção da escrita, pode-se observar as últimas invenções, mas, ainda assim, trata-se sempre de imitação, ou pode-se prestar atenção ao conceito de mensagem, o que nos força a observar as narrações por ícones.

Ele afirma que a importante noção sobre a origem da escrita é a mensagem:

Uma noção que me parece importante e que ainda não é explorada na sua relação com a escrita é aquela da mensagem. O mensageiro relata um texto que ele memorizou. Ele não fala. Não é o seu discurso que sai de sua boca. É a boca e língua de um outro. Que situação singular e como ela não organizaria um discurso completamente particular! (BENVENISTE, 2012, p. 98).

O mensageiro escreve o texto da mensagem, transportando-o tal qual, inalterado, "ele não fala", "ele não se expressa"; ele transporta a palavra de um outro.

Ele oferece uma primeira definição de escrita a partir do que aparece como sua invenção ou suas premissas e que se poderia intitular "do desenho falante às letras", retomando o título através do qual Marcel Cohen abre o segundo capítulo de seu primeiro livro sobre a escrita (COHEN, 1953, p. 15):

Quando o homem primitivo "representa" desenhando um animal ou uma cena, ele escreve. Sua "escrita", assim, reproduz a própria cena, ele escreve a realidade, ele não escreve a língua, porque para ele a língua não existe como "signo". A língua é, ela própria, criação. Assim, podemos dizer que a escrita começa sendo "signo da realidade" ou da "ideia", que é paralela à língua, mas não seu decalque. (BENVENISTE, 2012, p.98)

Ele pode ter sido inspirado por Leroi-Gourhan¹⁰ que termina *Le geste et la parole* [O gesto e a fala] com um capítulo sobre a linguagem (LEROI-GOURHAN, 1964, p. 269), "a arte figurativa é inseparável da linguagem, nasceu na constituição de um par intelectual fonação-grafia". Estamos aqui no espaço original sem origem, na própria essência do que é a escrita e podemos recordar a noção de arquiescrita de Derrida, embora em Derrida nós permanecemos na mais ampla abstração.

¹⁰ Sabemos que ele o leu mediante a análise de sua biblioteca.

Mas, para Benveniste, neste caso do homem primitivo, "É o referente que é descrito. Nós não lidamos com um signo linguístico. A escrita aqui não é signo da língua, mas signo do referente. [...] Nós não vemos nenhuma correspondência direta entre a língua e a escrita (BENVENISTE, 2012, p. 99-100). A tese de Benveniste é claramente expressa na seguinte passagem:

Eu não faço genética das escritas; eu não busco a origem da escrita. Eu só quero ver quais soluções o homem deu ao problema da "representação gráfica", e constato que, tanto na antiguidade mais remota que podemos encontrar quanto nos tempos modernos, o homem sempre começa por representar graficamente o objeto do discurso ou do pensamento, isto é, o referente. A tendência "natural" é comunicar através de um meio gráfico as coisas das quais se fala e não o discurso que fala delas. É, portanto, inexato para quem compreende todo o conjunto de manifestações da escrita, que a escrita seja o signo da língua, que é, ela própria, o "signo" de um "pensamento". Só se pode dizer da escrita que ela é signo de signo. Ela tornou-se apenas uma transcrição da fala. (BENVENISTE, 2012, p. 100).

Como pôde se realizar a passagem da representação gráfica do referente (mensagem) para a escrita? "Esta grande inovação foi realizada, independentemente, ao que parece, em vários pontos do mundo, mas com meios completamente diferentes", diz Benveniste (BENVENISTE, 2012, p. 101). Ele acrescenta à lição 11: cada uma delas é um "começo absoluto." A "verdadeira descoberta" consiste em que

O locutor-escritor descobre que a mensagem é expressa em uma forma linguística e que é a forma linguística que a escrita deve reproduzir. A partir daí nota-se uma verdadeira revolução: A escrita tomará como modelo a língua. O escritor, em seguida, direcionará seus esforços para encontrar um gráfico que reproduza a fonia e, portanto, uma grafia compondo um número limitado de signos (BENVENISTE, 2012, p. 101).

A verdadeira revolução é, assim, o segundo tempo da prática da escrita: quando a escrita toma como modelo a língua mesmo que não haja relação "necessária" entre a língua e a escrita.

Onde Cohen afirma tranquilamente, em 1953, o fato:

A escrita foi inventada várias vezes, em diferentes regiões: de todo lugar que se tenha informação sobre as origens, percebe-se que ela se desenvolve a partir da pictografia; em lugar algum pode-se seguir um desenvolvimento completo saindo da pictografia para a ideografia e, desta, para o sistema alfabético. Este parece ter sido criado apenas uma vez. (COHEN, 1953, p. 109)

É necessário notar a insistência de Benveniste: "real descoberta", "verdadeira revolução". Ele insiste, na verdade, sobre o fato de que esta descoberta, esta "grande inovação" foi realizada de forma independente em várias partes do mundo e cada vez com meios diferentes. Ele precisa: "Todas essas invenções não são as etapas de um desenvolvimento linear. Cada uma delas é um começo absoluto, independente de outros sistemas" (BENVENISTE, 2012, p. 107); ressoando aí, nesta insistência sobre a não linearidade do desenvolvimento e a não causalidade direta entre a aparição de uma escrita a outra, tons darwinianos. Por essa insistência, Benveniste rompe com a tradição evolucionista dos historiadores da escrita (FÉVRIER, 1948; DIRINGER, 1948; COHEN, 1953, 1958) que Béatrice Fraenckel descreve nos seguintes modos:

As obras consagradas à história da escrita são todas atravessadas por este paradoxo. Elas celebram o alfabeto ao mesmo tempo em que são incapazes de descrever-lhe a invenção. Capítulo após capítulo, a evolução da escrita é descrita

como uma sucessão de etapas engendrando umas às outras, de suas origens pictográficas ao estado ideográfico até à revelação alfabética. Mas, infelizmente, o relato desta última etapa se perde em conjecturas. (FRAENCKEL, 2009, p. 99-118)

O *CLG* afirma que

Há apenas dois sistemas de escrita:

1º O sistema ideográfico, no qual a palavra é representada por um único signo e estranha aos sons que ele compõe. [...]

2º O sistema denominado comumente "fonético" que visa a reproduzir a sequência de sons se seguindo na palavra.

[...] as escritas ideográficas se tornam voluntariamente mistas: alguns ideogramas, desviados de seu valor primeiro, acabam por representar sons isolados (SAUSSURE, 1972, p. 47)

Benveniste segue, então, a divisão de Saussure e distingue dois tipos de sistemas de escrita:

- Sistemas em que a unidade gráfica é unidade do signo.
- Sistemas em que a unidade gráfica é inferior à unidade linguística. Nesse caso, diz ele, opera-se um "processo capital" e a possibilidade de descobrir a língua como forma independente da mensagem: "o falante detém-se sobre a língua e não sobre as coisas enunciadas" (BENVENISTE, 2012, p. 113), isto é, a forma linguística vai existir por ela própria, fora do referente.

No entanto, há muito mais nuances. Ele apresenta exemplos da China, da Mesopotâmia (o sumério, depois o cuneiforme), do Egito:

- Na China, onde a conjuntura foi excepcional em prover uma língua em que cada signo era silábico, em que cada sílaba era um signo distinto, e em que o significado de várias sílabas poderia comportar uma representação icônica.
- Na Mesopotâmia, com a escrita suméria, que rapidamente se tornou cuneiforme; em seguida, em acadiano. Benveniste explica que, tendo sido realizada a decomposição em pregos, um sistema alfabético foi formalizado.
- No Egito, ele explica como um sistema inicialmente de rébus tornou-se, em seguida, um alfabeto. O princípio é simples e já muito muito evoluído para o alfabeto: o desenho de um gato [fr.chat] e um desenho de um pote [fr.pot] dá "chapéu" [fr.chapeau]. A prova é dada pela própria imagem na qual há uma decomposição do signo que permite utilizar signos gráficos conhecidos. Há, portanto, busca de uma economia quanto aos signos gráficos, uma vez que se pode separar completamente do significado /gato/ e manter apenas a fonia de seu nome.

Como, então, compreender a criação das escritas? Os inventores, nos diz Benveniste, "projetam em sua escrita o tipo de representação que eles efetuam de sua língua" (BENVENISTE, 2012, p. 110); existe uma "estreita ligação entre o tipo de escrita e o tipo de língua, entre a maneira de dissociar os elementos de fala e a maneira de escrever esses elementos." (BENVENISTE, 2012, p. 117). Assim, em chinês:

Podemos ver que os inventores projetam em sua escrita o tipo de representação que eles têm de sua língua. Em chinês, constroem-se caracteres para cada significante: há equivalência formal entre um significante e um caractere. Que o chinês seja monossilábico é uma consideração completamente exterior. O que importa é que, para aqueles que imaginaram a escrita, realiza-se o modelo ideal: cada significante e somente um significante é expresso por um signo e um único; inversamente, cada signo e um único signo responde a um único significante e a um único. (BENVENISTE, 2012, p. 110)

Em oposição a este sistema único, como o exemplo do chinês onde a unidade gráfica é idêntica à unidade do signo, onde cada signo gráfico coincide com um signo da língua e onde, conseqüentemente, não há, então, falta ou excesso, a unidade gráfica sendo a palavra, portanto, ao contrário de sistemas deste tipo encontram-se todos os sistemas onde a unidade gráfica é inferior à unidade linguística, quer dizer, ao signo. Nesses sistemas, a unidade gráfica é uma parte do signo (por exemplo, a sílaba). Nessa categoria, encontram-se geralmente os sistemas praticados atualmente, mas este “grande progresso final” (BENVENISTE, 2012, p. 109), é realizado pela primeira vez com o alfabeto grego.

De que modo passamos da sílaba para a unidade do som ou do fonema? A circunstância decisiva foi: 1) a invenção fenícia; 2) a adaptação das letras fenícias para o grego. [...] Os Gregos deram um novo passo escrevendo sistematicamente como distintas vogais e consoantes a partir de sua língua onde as variações gramaticais, destruíam, frequentemente, as relações etimológicas (do tipo – presente / lambano /, "Eu pegou" e perfeito / eilepha /, "eu acabei de pegar"). O corte silábico da fala é, para mim, o corte natural, porque não se pode isolar som algum de um suporte vocálico. A unidade de decomposição da fala será, assim, ou uma vogal ou um segmento incluindo uma vogal (CV ou VC). A articulação natural da fala é reproduzida como articulação natural de escrita. (BENVENISTE, 2012, p. 109).

Nas línguas semíticas (o árabe, o hebraico) as consoantes primam sobre as vogais e as raízes consonantais (em geral, tri-consonantais) portam sozinhas o semântico da língua. A vocalização gráfica, inicialmente, não existe. No alfabeto grego, ao contrário, há um estatuto idêntico para as consoantes e as vogais, sendo a vogal essencial para determinar o sentido da unidade.

Vemos, então, que a tese de Benveniste se expande e se precisa: é a invenção da escrita que impulsiona as sociedades a tomar consciência da existência de um sistema linguístico, o que chamamos de *o* linguístico; buscando fixar as mensagens e a fala, os humanos inventam a língua.

O problema é duplo: o da conversão do discurso em forma linguística (é necessário trazer o enunciado para suas partes constituintes e reconhecer que há um número limitado de signos) e o da escrita como sistema formal. O processo de formalização permite separar a língua de seu uso. (SAUSSURE, 1972, p. 47)

3.3 Autossemiotização da língua pela escrita

A escrita é examinada em função desse sistema que inclui a experiência da fala. Benveniste remonta à fonte (não à “origem”) para compreender que a escrita é um sistema que permite que a língua se autossemiotize, constitua-se se formalizando, autoformalizando-se. A escrita não é mais uma aplicação secundária, mas uma criação constituinte de forma, de ordem e de metacomunicação.

À afirmação de Saussure:

[...] a escrita encobre a língua: ela não é uma vestimenta, mas um travestimento. Percebe-se isso muito bem pela ortografia da palavra francesa *oiseau* na qual nenhum dos sons da palavra falada (*wazo*) é representado por seu signo particular; nada resta da imagem da língua.

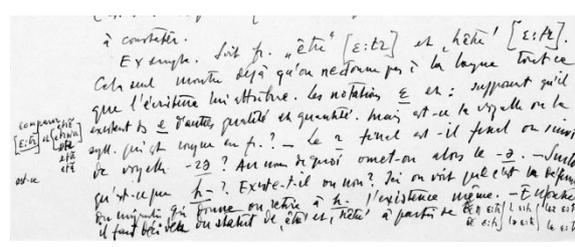
Quando se diz que se deve pronunciar *ma*, seria necessário que ele existisse por si mesmo. Na verdade, é *ma* que se escreve *oi*. Para explicar essa bizarrice, acrescenta-se que, nesse caso, trata-se de uma pronúncia “excepcional” de *o* e de *i*; outra expressão falsa, uma vez que ela implica uma dependência da língua em relação à forma escrita. Até parece que está sendo permitido algo contra a escrita, como se o signo gráfico fosse a norma.

Essas ficções manifestam-se inclusive nas regras gramaticais [...]. (SAUSSURE, 1972, p. 51-52)

Benveniste afirma, em oposição, que pensar a escrita requer uma distinção indispensável: distingui-la do aspecto sonoro da língua; a escrita estabelece “uma relação reversível biunívoca entre dois termos, e somente dois: grafema e fone”:

Como justificar as relações entre grafemas e sons? Nenhum dos quatro sons da fonia [wazo] encontra correspondência nos seis signos gráficos /o-i-s-e-a-u/. Diremos que a grafia OISEAU representa a fonia [o.i.s.e.a.u], nunca [wazo]. Um sistema semiótico só pode funcionar sobre o princípio um significante/um significado, ou seja, uma grafia/uma fonia. À medida que a escrita se alfabetiza, que ela se torna “fonética”, ela se submete cada vez mais à fonia e, nesse processo, à língua. Mas essas são condições históricas e empíricas, nada orgânicas nem necessárias. (BENVENISTE, 2012, p. 92)

Em seus apontamentos de aula no Collège de France, anos 1963-1964, em seu segundo curso, ele já anotava o seguinte¹¹:

	<p>Exemplo. Seja fr. "être" [ɛ: tr] e "hêtre" [ɛ: tr]¹². Isso já mostra que não oferecemos à língua tudo o que a escrita lhe atribui. As anotações e et : supõem que existem umas e outras qualidade e quantidade. Mas, é a vogal ou a síl. que é longa em fr. O r final é final ou seguido de vogal -rə? Em nome do que se omite então o -ə. – Especialmente o que é o h-? Ele existe ou não? Aqui vemos que é a definição do linguista que dá ou retira ao h- a própria existência. – Também é necessário decidir o estatuto de 'être' e 'hêtre' a partir de</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td>e :tr</td> <td>l e :tr</td> <td>lez e :tr</td> </tr> <tr> <td>e :tr</td> <td>l ə :tr</td> <td>le e :tr</td> </tr> </table>	e :tr	l e :tr	lez e :tr	e :tr	l ə :tr	le e :tr
e :tr	l e :tr	lez e :tr					
e :tr	l ə :tr	le e :tr					

A escrita não é um sistema secundário da fala. É um sistema paralelo que *acrescenta* à língua sonora, dá-lhe algo a mais: “não damos à língua tudo o que a escrita lhe atribui”; “Deve-se estabelecer a mesma relação originária entre língua e escrita [grafia/fonia] que entre língua e significação [significante/significado]”.

Realizar essa ruptura epistemológica na concepção da escrita demanda quatro abstrações mentais muito ligadas entre si. Expondo as quatro etapas de abstração necessárias à tomada de consciência da escrita e, pela escrita, da língua, Benveniste ilustra sua proposição com a experiência de uma criança em processo de aquisição da escrita, mas, ao fazê-lo, ele descreve a experiência que nós mesmos fazemos ao seguir seu procedimento. Mas também: ele expõe, ao fazê-lo, seu próprio procedimento de pesquisa.

- 1) “uma primeira grande abstração reside no fato de que a língua passa a ser uma realidade distinta” (BENVENISTE, 2012, p. 92). É preciso abstrair o falar comunicativo “natural”, imediato, no qual nos banhamos, para distanciar a língua como sistema;
- 2) segunda abstração ligada à primeira: abstrair a riqueza contextual que é o exercício da fala;

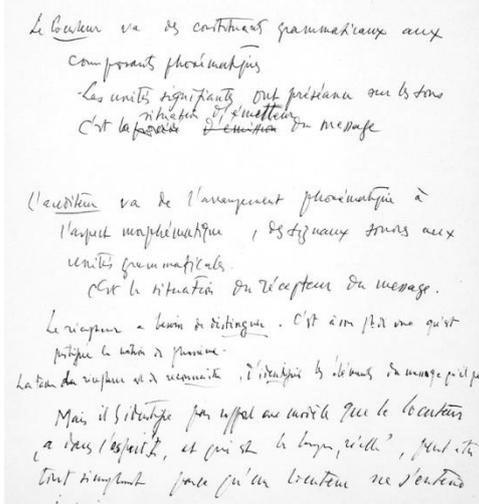
¹¹ Cours du 9/02/1963, BnF, PAP OR, boîte 43, env. 105, fº 75.

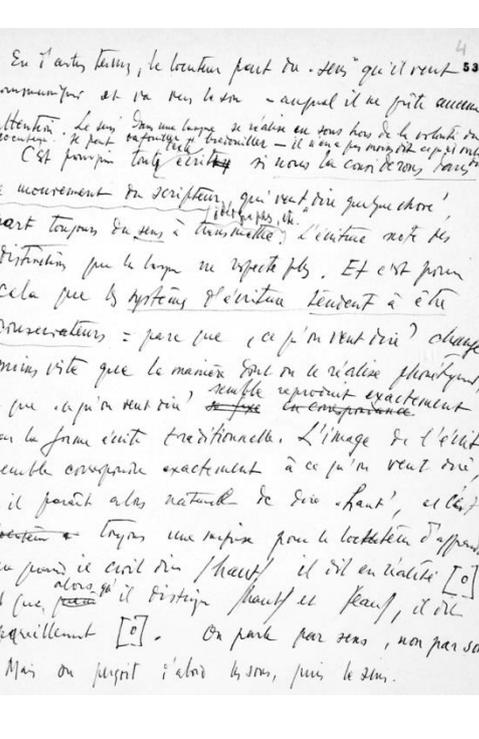
¹² NT. “être” = ser; “hêtre” = faia.

3) falar fora da necessidade de fala, fora dessas situações vivas em que se fala para conseguir um objeto por exemplo;

4) tomar consciência do pensamento (ou da língua), na verdade, das palavras, representadas em imagens materiais (a grafia): descoberta de que, quando se usam palavras, há segmentação, abandona-se uma totalidade comunicacional para perceber unidades agenciadas.

Benveniste descrevia, desde suas aulas de 1963-1964, a relação entre o oral e o escrito. Ele então analisava as operações envolvidas nas duas instâncias, operações em que os pontos de vista do locutor e do ouvinte são especificamente diferenciados. Várias anotações trazem essas análises¹³:

 <p>Le locuteur va des constituants grammaticaux aux composants phonémiques. Les unités significatives ont prééminence sur les sons. C'est la situation de l'émission du message.</p> <p>L'ouvreur va de l'arrangement phonémique à l'aspect morphémologique, des signaux sonores aux unités grammaticales. C'est la situation du récepteur du message.</p> <p>Le récepteur a besoin de distinguer. C'est à son point de vue que se justifie la notion de phonème. La tâche du récepteur est de reconnaître, d'identifier les éléments du message qui lui parviennent.</p> <p>Mais il s'agit de parler, de s'adresser au monde par le locuteur, et dans l'espace, et qui se la langue, réelle, peut être tout simplement parce qu'un locuteur ne s'entend jamais.</p>	<p>O <u>locutor</u> vai dos constituintes gramaticais aos componentes fonemáticos</p> <p>As unidades significantes têm precedência sobre os sons.</p> <p>É o <u>método de transmissão</u> <a situação do emissor> da mensagem</p> <p>O ouvinte vai da organização fonemática ao aspecto morfemático, dos sinais sonoros para as unidades gramaticais.</p> <p>É a situação do receptor da mensagem.</p> <p>O receptor tem necessidade de distinguir. É de seu ponto de vista que se justifica a noção de fonema.</p> <p>A tarefa do receptor é reconhecer, identificar os elementos da mensagem que ele recebe.</p> <p>Mas ele se identifica em relação ao modelo que o falante 'tem no espírito' e que é a língua 'real', pode ser simplesmente porque um locutor jamais se escuta.</p>
---	---

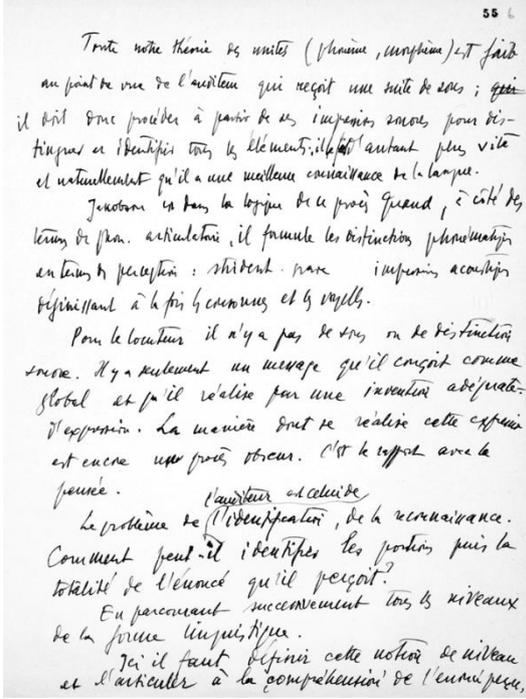
 <p>En l'acte même, le locuteur part du "sens" qu'il veut communiquer et va vers le son - auquel il ne prête aucune attention. Le son, dans une langue se réalise en tous lieux de la parole du locuteur. Il part toujours de l'écrit - il a une prééminence sur le son. C'est pourquoi tout écriture n'est pas la copie du son, mais le mouvement du scripteur, qui veut dire quelque chose, part toujours du sens, et transmette, l'écriture est la distinction que la langue ne respecte pas. Et c'est pour cela que le système d'écriture tendent à être conservateurs = parce que "ce qu'on veut dire" change moins vite que la manière dont on le réalise phonétiquement, et que "ce qu'on veut dire" semble reproduit exactement par la forme écrite traditionnelle. L'image de l'écrit semble correspondre exactement à ce qu'on veut dire, et il paraît alors naturel de dire "haut", et c'est bien sûr toujours une surprise pour le locuteur d'apprendre que quand il écrit /haut/ il dit en réalité [o] et que, quand il distingue /haut/ et /eau/, il dit pareillement [o]. On parle par sens, non par sons. Mais on s'agit à l'écrit, puis le son.</p>	<p>Em outras palavras, o locutor parte do 'sentido' que ele quer comunicar e segue através do som para o qual ele não presta nenhuma atenção. O sentido em uma língua se realiza através de sons fora da vontade do locutor. Ele pode falar de maneira confusa, gaguejar, ele não disse menos do que gostaria de dizer.</p> <p>É por isso que todo <texto> escrito, se nós o consideramos sob o movimento do escritor que quer "dizer alguma coisa" sempre parte do sentido a transmitir, <ideógrafos, etc.>. A escrita anota as distinções que a língua não mais respeita. E é por isso que os sistemas de escrita tendem a ser conservadores: porque 'o que queremos dizer' muda menos rapidamente do que a maneira como a realizamos foneticamente e "o que queremos dizer" se fixa em correspondência <parece exatamente reproduzido> pela forma escrita tradicional. A imagem do escrito parece corresponder exatamente ao que queremos dizer, e então parece natural dizer 'haut' e é sempre uma surpresa para o locutor aprender que quando ele pensa dizer /haut/ ele diz na realidade [o] e que quando <assim que> ele distingue /haut/ e /eau/¹⁴, ele diz igualmente [o]. Falamos através do sentido e não através de sons.</p> <p>Mas primeiro percebemos os sons depois o sentido.</p>
---	---

¹³ BnF, PAP OR, boîte 43, Env. 105, f° 52 et f° 53.

¹⁴ NT. "haut" = topo; "eau" = água.

Se é possível constatar com essas anotações a forma pela qual a reflexão sobre a escrita é longínqua em Benveniste, não se pode deixar de observar também, nesse rascunho, a correção: ~~toda escrita~~ para “todo texto escrito”, onde se vê a precisão de Benveniste e onde se vê também que ele ainda não chegou à questão da escrita tal qual ela se apresenta nas *Dernières leçons* [Últimas lições].

O rascunho seguinte¹⁵ apresenta-se como uma redação das anotações precedentes:

 <p>55</p> <p>Tout notre thème des unités (phonème, morphème) est fondé au point de vue de l'auditeur qui reçoit une suite de sons; que il lui soit possible à partir de ces impressions sonores pour distinguer et identifier tous les éléments, il agit d'autant plus vite et naturellement qu'il a une meilleure connaissance de la langue.</p> <p>Jacobson en fait la logique de ce procès quand, à côté des termes de fon. articulatoire, il formule les distinctions phonématiques en termes de perception: strident - grave - impur, acoustique définissant à la fois les consonnes et les voyelles.</p> <p>Pour le locuteur il n'y a pas de sons ou de distinctions sonores. Il y a seulement un message qu'il conçoit comme global et qu'il réalise par une invention adéquate de l'expression. La manière dont se réalise cette expression est encore un procès obscur. C'est le rapport avec la pensée.</p> <p><i>l'auditeur se libère</i> Le problème de l'identification, de la reconnaissance. Comment peut-il identifier les parties puis la totalité de l'énoncé qu'il perçoit? En parcourant successivement tous les niveaux de la forme linguistique. Je n'ai fait qu'ébaucher cette notion de niveau et d'articuler à la compréhension de l'énoncé perçu.</p>	<p>Toda a nossa teoria sobre as unidades (fonema, morfema) é feita em vista do ouvinte que recebe uma sequência de sons; que, então, deve proceder a partir de suas impressões sonoras para distinguir e identificar todos os elementos: ele o faz mais rápido e naturalmente quando tem um melhor conhecimento da língua.</p> <p>Jakobson está na lógica deste processo, quando, ao lado dos termos de fon. articulatória, ele formula as distinções fonemáticas em termos de percepção: estridente, impressões acústicas graves definindo desta vez as consoantes e as vogais.</p> <p>Para o locutor não há sons ou distinção sonora. Há apenas uma mensagem que ele concebe como global e que realiza através de uma invenção adequada da expressão. A maneira como se realiza esta expressão é ainda um processo obscuro. É a relação com o pensamento.</p> <p>O problema do <ouvinte é o da identificação>, do reconhecimento. Como ele pode identificar as partes e, em seguida, a totalidade do enunciado que ele percebe?</p> <p>Percorrendo sucessivamente todos os níveis da forma linguística.</p> <p>Aqui é necessário definir esta noção de nível e articulá-lo à compreensão de enunciado percebido.</p>
--	--

Pode-se então perceber, aqui, esse termo de “reconhecimento” que permitirá a Benveniste especificar a “dupla significância” (BENVENISTE, 1974, p. 63), ou seja, a relação semiótica/semântica. “O semiótico (o signo) deve ser reconhecido; o semântico (o discurso) deve ser compreendido” (BENVENISTE, 1974, p. 64-65).

Com a escrita o locutor deve se liberar da representação que ele tem instintivamente do falar como atividade [...] ele deve tomar consciência da língua como realidade distinta do uso que dela faz: o que já é uma operação bastante penosa. (BENVENISTE, 2012, 93)

Contrariamente à afirmação do CLG: “a escrita encobre a visão da língua” (SAUSSURE, 1972, p. 51), afirmação totalmente contradita por duas vezes:

[...] esta forma de escrita, pela qual nós devemos passar para chegar à língua. (SAUSSURE, 1972, p. 58)

Quando se suprime a escrita pelo pensamento, **aquele que é privado dessa imagem sensível corre o risco de não perceber mais do que uma massa informe** da qual ele não sabe o que fazer. É como retirar o cinto flutuador daquele que está aprendendo a nadar. (SAUSSURE, 1972, p. 55 – ênfase nossa)

¹⁵ BnF, PAP OR, boîte 43, Env. 105, f^o55.

Benveniste afirma que a escrita faz com que se tome consciência da existência da língua, materializando-a com a imagem da língua: “a língua é subitamente convertida em uma imagem da língua” (BENVENISTE, 2012, p. 93), “convertida em uma imagem”, e não “simples imagem enganadora desconectada”.

Saussure opõe a fonologia à língua e coloca-a como eventual intermediária para *salvar* a linguística (estudo da língua) da escrita:

A fonética é uma ciência histórica; ela analisa eventos, transformações e se move no tempo. A fonologia está fora do tempo, pois o mecanismo de articulação permanece sempre semelhante a si mesmo.

[...] A primeira é uma das partes essenciais da ciência da língua; já a fonologia – é preciso repetir – é apenas uma disciplina auxiliar e só diz respeito à fala. Claro, não se entende bem para que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; mas eles não a constituem, e, quando se tiver explicado todos os movimentos do aparelho vocal necessários para produzir cada impressão acústica, em nada terá sido esclarecida a questão da língua. Esta é um sistema baseado na oposição visual entre fios de cores diversas; ora, o que importa para a análise é o jogo dessas oposições, não os procedimentos pelos quais as cores foram obtidas.

Para o esboço de um sistema de fonologia, remetemos ao Apêndice, p. 63; aqui pesquisaremos apenas que auxílio a linguística pode esperar dessa ciência para escapar às ilusões da escrita.

[A escrita fonológica] obscureceria o que ela deseja iluminar, confundiria o leitor.

[...] O verdadeiro serviço que a fonologia nos presta é permitir que tomemos certas precauções em relação a esta forma escrita pela qual temos que passar para chegar à língua. (SAUSSURE, 1972, p. 55-58)

Benveniste reúne a fonologia e a língua no sistema da língua.

A escrita representa em um grau superior o aspecto simbólico da linguagem, ela faz com que se tome consciência dele. A escrita evidencia esse processo simbólico tão mais nitidamente por estar fora do contexto dialógico, e pelo fato de que ela poderia também ser um sistema icônico desconectado do sistema de signo linguístico:

Saussure defende a ideia banal da escrita como sistema subordinado à língua. Acontece que nada impede que se imagine um “signo icônico” (ou “simbólico”, como se queira, a escolha dos termos é inteiramente independente da terminologia de Peirce) que associaria o pensamento a uma materialização gráfica, paralelamente ao “signo linguístico” que associa o pensamento à sua verbalização idiomática. A representação icônica desenvolver-se-ia paralelamente à representação linguística, e não em subordinação à forma linguística.

Esta iconização do pensamento suporia provavelmente uma relação entre o pensamento e o ícone de uma espécie diferente daquela entre o pensamento e a fala, uma relação menos literal, mais global (BENVENISTE, 2012, p. 95).

O verdadeiro avanço de Benveniste sobre essa questão da escrita está expresso no início da lição 12:

Poderíamos dizer que a escrita foi e é em princípio um meio paralelo à fala de contar as coisas ou de dizê-las à distância, e que progressivamente a escrita literalizou-se, conformando-se em imagem cada vez mais formal da língua. (BENVENISTE, 2012, p.114)

É preciso insistir nessa visão; ela permite pensar a forma pela qual a escrita, tal como a conhecemos, pôde instituir-se. Nela encontra-se afirmada uma evolução desses elementos complexos – em si mesmos e pelas relações instauradas entre eles –, que são a linguagem, a fala, a escrita, a língua. Os termos empregados por Benveniste são importantes: recurso paralelo, a escrita nem sempre foi o *reflexo* da fala. Ela se “literalizou”, palavra perfeitamente escolhida e que precisa ser apreendida em todos os sentidos para os quais ela se abre: passagem do ícone à letra e passagem da utilização linguística à representação *do* linguístico, ou, em outras palavras, da língua. Dessa ideia Benveniste deduzirá que:

- a língua é o único sistema significativo que pode descrever-se a si próprio: propriedade metalinguística;
- para esta objetivação, um instrumento metalinguístico é necessário: a escrita “torna-se” este instrumento.

Retomando o exemplo da mensagem dos citas para Dario, elaborada sob forma de rébus, e que leva a várias interpretações discordantes, ele conclui: “nada evidencia melhor a impossibilidade de atingir o semântico em língua sem passar pelo semiótico juntamente com a gramática” (BENVENISTE, 2012, p.114), o que poderia ser uma justificativa da escrita se a palavra justificativa tivesse aqui um sentido, mas que é, em todo caso, uma afirmação do que aparece como uma necessidade de *literalização* da escrita. Mas que afirma também o laço entre língua e escrita, assim como a necessária “dupla significância” da língua na escrita.

Ele abandona a questão da história da invenção da escrita para entrar no cerne do seu objeto: “a língua e a escrita”. Ele enuncia duas proposições essenciais: 1) a língua semiotiza tudo, e 2) a língua semiotiza-se a si própria pela escrita.

A escrita torna visível esses movimentos; ela passa de sua “função instrumental” (instrumento de semiotização) para uma “função representativa”: “de instrumento para iconizar o real, quer dizer, o referente, a partir de um discurso – ela se torna pouco a pouco o meio de representar o próprio discurso, depois os elementos do discurso, e em seguida os elementos desses elementos (sons/letras)” (BENVENISTE, 2012, p.115). Lembremos a observação de Saussure: “[...] esta forma escrita, pela qual **devemos** passar para chegar à língua”, observação obrigatória que é contraditória em relação à “a escrita encobre a língua”, mas mais acertada.

“A escrita, e muito particularmente a escrita alfabética, é o instrumento da autosemiotização da língua” (BENVENISTE, 2012, p.113), afirma Benveniste. O que quer isto dizer? Em outras palavras, como é que a língua, sistema de signos entre outros, chega a explicitar-se, por si própria, enquanto signo? Benveniste já tinha insistido no fato de que, com a escrita, o locutor “deve conscientizar-se da língua como realidade distinta do uso que ele faz dela” (BENVENISTE, 2012, p.93),

Isto quer dizer que o falante se detém sobre a língua ao invés de se deter sobre as coisas enunciadas; ele considera a língua e descobre-a significativa; ele percebe recorrências, identidades, diferenças parciais, e essas observações se fixam em representações gráficas que objetivam a língua e que suscitam a própria materialidade da língua enquanto imagens.

A escrita, e muito particularmente a escrita alfabética, é o instrumento de autosemiotização da língua. Como? Em virtude das seguintes proposições: 1) A língua é o único sistema significativo que pode descrever-se a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é de fato uma especificidade da língua, uma vez que ela é interpretante de outros sistemas¹⁶. 2) Mas para que a língua se semiotize, ela deve proceder a uma objetivação de sua própria substância. A escrita torna-se progressivamente o instrumento desta objetivação formal. (BENVENISTE, 1974, p.113)

¹⁶ Para esse caráter interpretante da língua, remeto ao artigo “La sémiologie de la langue”, *Problèmes de linguistique générale* vol. 2 (Gallimard Tel, p. 43-66).

Já vimos, em parte, a síntese proposta por Benveniste:

Se raciocinarmos por indução para tentar encontrar o modelo primeiro da relação entre língua e escrita, veremos que a evolução geral dos sistemas gráficos conhecidos se dá no sentido da subordinação da escrita à língua. Dir-se-ia que a escrita foi e que ela é em princípio um meio paralelo à fala de contar as coisas ou de dizê-las à distância, e que progressivamente a escrita literalizou-se em conformação a uma imagem cada vez mais formal da língua.

A fala realiza-se formalmente em palavras discretas, juntamos uma após a outra as partes de um todo, enquanto a “escrita” é primeiramente concebida como globalidade, ela enuncia sinteticamente toda uma série de ideias, ela conta uma história inteira. (BENVENISTE, 2012, p.114)

Benveniste lança a ideia, na lição 13, de que a relação entre a grafia e a fonia é anterior ao surgimento da análise linguística. Ele apresenta os relatos de Platão, mas sem fazer referência, como se faz tradicionalmente nas questões de linguagem, ao *Crátilo*, e sim ao *Filebo*, onde, diz ele, é necessário considerar as observações de Platão em sua fala inicial sobre o prazer. O prazer é um só, mas as sensações que o possibilitam são infinitas. A questão, pois, é a da relação entre o um e a diversidade, da unidade a ser reencontrada no seio da diversidade, “é preciso trazer para o enumerável a diversidade de elementos” (BENVENISTE, 2012, p.119), e essa relação entre o um e a diversidade passa por uma numeração, ou seja, um limite: “a análise dissocia e identifica unidades de vários graus. Deve-se sempre chegar a números (a um limite). Esse número opõe-se à ausência de limite (*apeira*) que é o estado de ‘natureza’” (BENVENISTE, 2012, p.120).

O desenvolvimento desse raciocínio permite a Benveniste a seguinte conclusão: “Esta noção de limite é capital: ela constitui a análise da língua do ponto de vista formal e condiciona o desenvolvimento das primeiras invenções de escrita propriamente dita.” (BENVENISTE, 2012, p.120)

4 “A língua e a escrita significam exatamente da mesma forma”: designação e significação

“Como uma língua denomina o ato que lhe dá expressão escrita” é a questão posta por Benveniste no início de sua lição 14. Ele prossegue explicando que é preciso analisar este “processo linguístico” de denominação, pois, se nós “já sabemos” o que designam os termos empregados – aqui, para designar o ato de escrever, mas válido para qualquer outro termo –, é muito importante saber o que eles significam. Os termos *designam* um referente, mas a questão é saber o que é que eles *significam* para além desta designação. O importante, pois, para Benveniste, é “distinguir entre a designação e a significação”. A distinção entre designação e significação paralelamente à explicação de sua indissociabilidade impõe-se. Alguns a remetem a um “binarismo” de Benveniste que eu prefiro, de minha parte, chamar de propensão a procurar compreender os fenômenos por “pares conceituais”: designação/significação, o semiótico/o semântico, língua/discurso... Trata-se constantemente de um esforço de clarificação e de rigor que permite a Benveniste, primeiramente, “transcender a gramática comparada”, e depois ir além de qualquer análise concentrada em um só objeto para resgatar esquemas funcionais de alcance geral. Sobre esta distinção entre designação e significação funda-se uma articulação inteligível entre filologia e reflexão teórica. Benveniste já se dedicou a essa tarefa no *Vocabulaire des institutions indo-européennes* [Vocabulário das instituições indo-européias] que ele havia acabado de publicar (BENVENISTE, 1969), no qual ele denomina essas duas operações ligadas intrinsecamente, embora distintas¹⁷. Nas duas últimas lições sobre a escrita, a análise se prende à forma pela qual se designam os atos de ler e de escrever:

¹⁷ Ver Giuseppe D’Ottavi, “*Désigner et signifier le ‘savoir’ : pour une nouvelle entrée du Vocabulaire des institutions indo-européennes* d’Emile Benveniste”, 4^e CMLF, vol. 8, 2014, p. 393-407, <http://dx.doi.org/10.1051/shsconf/20140801321>.

Em Homère, /grapho/ significa apenas “raspar”, “arranhar”, “fender a carne”, por exemplo (II., XVII, 599). Posteriormente, “fender a pedra para inscrever um traço”. [...]

Em latim, a mesma coisa: /scribo/ significa “érafler”, “arranhar”. Em alemão moderno, /schreiben/, mas em gótico, /meljan/ (ver o alemão, /mahlen/, “pintar”): “enegrecer”, “sujar”; grego, /melas/, “sujar de cor”). Trata-se então de traços pintados. Já não é mais a gravura, mas a pintura.

Em nórdico antigo, /rita/, em inglês antigo, /writan/: sentido: “entalhar”.

Em eslavo, empréstimo do iraniano /pisati/, no sentido de “escrever”.

Em persa antigo, /dipi-/ é o termo que denomina a “inscrição”. E aquele usado para “escrever” é completamente independente. É composto de um prefixo /ni-/ e de um radical /pis-/. /Ni-/ indica um processo realizado por “descida”: “inscrever”, e /pis-/, o processo “pintar”, “picar” (ver a técnica da tatuagem). O radical foi tomado de empréstimo pelo eslavo antigo e o verbo é etimologicamente aparentado com o latim /pingo/, “desenhar”, “pintar”.

Da mesma forma, os elementos da escrita, as letras, demandam interrogação:

Em grego, /gramma/ é derivado de /grapho/, mas /litera/ é de origem ainda desconhecida. (BENVENISTE, 1969, p. 124)

Mais do que informativa, esta “análise de terminologia” (BENVENISTE, 1969, p. 121) ativa o par *designar* e *significar*. Uma distinção que vai muito além do campo de estudo da escrita e sobre a qual será preciso perguntar-se em que termos se dá sua relação com o par conceitual que ele *descobre* (em todos os sentidos do termo) em “Sémiologie de la langue” [Semiologia da Língua], a saber, o par “semiótica/semântica”, que funda sua teoria da enunciação. Benveniste faz a ponte entre sua atividade comparatista e sua atividade de linguista generalista. Na maior parte do tempo, os dois aspectos do linguista são evocados separadamente; encontramos-nos, com esse trabalho sobre a escrita, no cruzamento, precisamente no ponto em que uma das duas atividades enriquece a outra¹⁸.

Por outro lado, Benveniste faz uma observação surpreendente e inovadora. Se a experiência e a pedagogia impõem uma ordem: primeiro ler, depois escrever, a invenção, diz ele, não se deu no mesmo sentido: “A escrita é que foi o ato fundador”. E acrescenta: “pode-se dizer que esse ato transformou completamente a face das civilizações, que ele foi o instrumento da revolução, a mais profunda que a humanidade conheceu depois do fogo.” (BENVENISTE, 2012, p. 121).

Essa análise dos processos paralelos de designação e significação permite a Benveniste mostrar que essa “revolução profunda” não atingiu todas as civilizações da mesma forma. Ele traça uma linha divisória entre o norte e o sul e entre o leste e o oeste, entre as civilizações da escrita e do escriba (Mesopotâmia, Egito) e o mundo indo-europeu sem escrita, e até mesmo com desprezo pela escrita¹⁹. Ele mostra assim a filiação que se estabeleceu do mundo sumério ao sânscrito, via Pérsia, para nomear o ato de escrever. Platão desvaloriza a escrita em proveito da fala (pois a escrita parece desenho) e a Grécia não tem nenhuma divindade relacionada à escrita.

A conclusão dessa lição é que “não se viu de imediato a associação estreita consubstancial, para nós característica, da escrita com a língua”. A tese será enunciada logo no início da lição seguinte: “a língua e a escrita significam exatamente do mesmo jeito” (BENVENISTE, 2012, p. 127).

O fato de permanecer no universo da língua permite a Benveniste revelar uma relação de homologia entre as relações falar/escutar e escrever/ler; “falar está para escutar assim como escrever está para ler” (BENVENISTE, 2012, p. 127). Ele retoma a análise filológica das diferentes

¹⁸ Em relação a isso, ver também Giuseppe D’Ottavi “*Désigner et signifier le ‘savoir’: pour une nouvelle entrée du Vocabulaire des institutions indo-européennes* d’Emile Benveniste”.

¹⁹ Podemos remeter, a este respeito, ao capítulo “Noirceur de l’écriture”, do livro *Le jumeau solaire*, de Charles Malamoud (Paris, Seuil, 2002).

significações dos termos que designam o ato de ler em acádio, chinês, latim, gótico, alemão, inglês. Marcando sua oposição a Saussure, ele especifica, em uma espécie de síntese teórica, que seu trabalho vai “de encontro a ‘A língua é independente da escrita’ (BENVENISTE, 2012, p. 131), fazendo referência ao capítulo VI da introdução do *Cours de linguistique générale* do qual segue a citação exata:

Língua e escrita são dois sistemas de signos distintos: a única razão de ser do segundo é representar o primeiro [como a fotografia representa um rosto] [...] A língua tem então uma tradição oral independente da escrita, e estabelecida de forma bem diferente; mas o prestígio da forma escrita nos impede de perceber [...] [...] a imagem gráfica das palavras nos chega como um objeto permanente e sólido, mais apropriado do que o som para constituir a unidade da língua através do tempo. Pouco importa que esse laço seja superficial e crie uma unidade puramente artificial: ele é muito mais fácil de apreender do que o laço natural, o único verdadeiro, o do som. (SAUSSURE, 1972, p.131)

Benveniste afirma: “a escrita é uma forma secundária da fala. É a fala transferida da escuta para a visão: a fala, puramente auditiva, torna-se escrita, puramente visual”. Como compreender “secundária”? Esse termo pode gerar confusão. Poderíamos pensar que “secundário” quer dizer “que representa”, e estaríamos na mesma posição de Saussure. Mas Benveniste esclarece sua afirmação quando diz que “tudo se explica por esse princípio de que a escrita é ainda fala, sob uma forma secundária” (BENVENISTE, 2012, p. 131). Ele ainda é mais preciso: “A escrita manifesta-se como uma forma secundária da fala ao comportar as duas propriedades, semiótica e semântica, características do discurso, e só do discurso, ou só da expressão linguística, quando comparada aos outros sistemas semiológicos” (BENVENISTE, 2012, p. 131). Indo ainda além: “ela não é mais do que uma forma da fala” (BENVENISTE, 2012, p. 131), e aqui, sem dúvida, é necessário compreender que “fala” remete a “discurso”.

Benveniste mostra que a fala e a escrita são dois sistemas distintos mas dependentes, ambos, da língua – sistema de signos –, e que é a escrita que permite a compreensão do que vem a ser a língua. A escrita pode ter sido a segunda a surgir em relação à fala, mas foram a sua invenção e sua prática, contudo, que permitiram inventar a língua e o linguístico: “a escrita distingue os signos da língua, que o falar confunde, mostrando quais são seus discriminadores” (BENVENISTE, 2012, p. 134), a exemplo do sistema do francês, por exemplo, em que a escrita é de fato o fator distintivo de *vin, vingt, vint, vain, vainc...*

Ele conclui ampliando a questão das relações entre a língua e a escrita para a questão do discurso. Há uma divisão entre *língua* e *discurso* que ele desenvolveu ao longo dos artigos publicados nos dois volumes do *Problèmes de linguistique générale* [Problemas de linguística geral] e há uma divisão que se situa no nível do discurso – com suas duas dimensões intrínsecas, *o semiótico* (os “signos” da língua que são “reconhecidos” por todos os seus falantes) e *o semântico* (o signo encarnado no discurso por uma pessoa). E esse nível do discurso de dupla dimensão tem duas possibilidades de expressão: a voz e a escrita. No entanto – e a observação feita por Benveniste é completamente inovadora e muito importante –, ao tornar visível o funcionamento do discurso, a escrita torna visível o caráter semiótico da língua.

Benveniste volta à afirmação de Saussure – língua e escrita são dois sistemas de signos – para criticá-la severamente:

1) Na noção de ‘signo linguístico’ reside necessariamente a do ‘sistema linguístico’. Podemos falar de um signo de escrita com o mesmo sentido de que falamos de ‘signo linguístico’ (significante/significado)? Como analisar um grafema? Podemos apreender um “significante”, por exemplo, dos traços (um traço vertical seguido de um círculo e a combinação de ambos).

Mas e o “significado”? O grafema remete a um fone. Ou seja, uma relação grafema + fone. É tudo. Não estamos lidando com um sistema de significantes, mas, simplesmente, com uma correspondência grafo-fônica. [...]

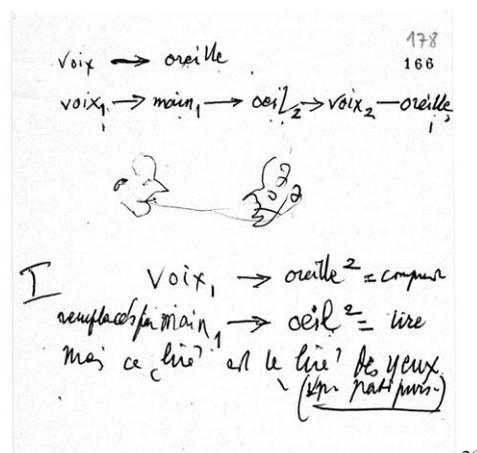
2) Em que sentido devemos considerar “representação”? A escrita “representa” uma forma secundária da fala, que é primeira. É fala transferida. Ela permite à língua semiotizar-se a si mesma.

Não teríamos podido refletir sobre a análise da linguagem falada se não tivéssemos essa “linguagem visível” que é a escrita. Tomar consciência do discurso em seus elementos formais, analisando-lhes todos os aspectos, só foi possível graças a essa realização secundária do discurso. A escrita é, portanto, um substituto da palavra, é a *própria palavra fixada em um sistema secundário de signos*. Mas, mesmo secundário, esse sistema ainda é o da própria palavra, sempre apto a voltar a ser palavra.

A escrita é palavra convertida pela mão em signos falantes. A mão e a palavra conectam-se na invenção da escrita. A mão estende a fala.

O sistema primário voz (a boca)-ouvido é substituído pelo sistema secundário mão (inscrição)-olho. A mão desempenha o papel de emissor traçando letras, e o olho torna-se receptor ao coletar os traços escritos.

Entre a boca e o ouvido, a ligação é a fonia emitida-escutada; entre a mão (inscrição) e o olho, a ligação é a grafia traçada-lida. (BENVENISTE, 2012, p. 89)



20

A fronteira entre a pictografia e a escrita é nítida: “a pictografia pode ser compreendida, ela não pode ser lida, enquanto a escrita só é escrita se puder ser lida.” (BENVENISTE, 2012, p. 133). Reconhecemos aí, imediatamente, a divisão semiótica/semântica, se não houver esses dois níveis de significâncias, não estaremos na escrita, pois não estaremos na língua. A pictografia tem certa força semântica, mas não apresenta abertura semiótica linguística.

Benveniste conclui sua última lição sobre a escrita insistindo sobre a necessária inscrição na língua: “somos reconduzidos à língua” (BENVENISTE, 2012, p. 135), insiste ele. E em sua última lição de linguística geral, a do primeiro de dezembro de 1969, ele volta ao problema da significação: “Toda a língua é enformada e articulada pela significação. (BENVENISTE, 2012, p. 141); “Não podemos estudar o sentido fora da língua, nem a língua fora do sentido” (BENVENISTE, 2012, p. 142). Trata-se aqui novamente da *interpretância*, pela língua, de qualquer sistema de signos, incluindo a própria língua. Com o estabelecimento do fenômeno da escrita, essa proposição ganha ainda mais sentido. Trata-se da proposição essencial de Benveniste: a língua semiotiza-se a si

²⁰ BnF, PAP OR, boîte 40, env. 80, f° 166. Para uma análise mais aprofundada desse esquema ver I. Fenoglio, “Genèse du geste linguistique”, *Genesis. Manuscrits. Recherche. Invention*, n° 35, Paris, éd. PUPS, 2012, p.13-39.

própria e só pode ser semiotizada por si mesma, processo que se efetua por meio da escrita; “não teríamos podido refletir sobre a análise da linguagem falada se não tivéssemos essa ‘linguagem visível’ que é a escrita”. A passagem seguinte indica o processo escritural:

De sua função instrumental desprende-se sua função representativa cujo instrumento é a escrita. Ora, a escrita muda de função: de instrumento a iconizar o real, ou seja, o referente, a partir do discurso, ela se torna pouco a pouco o meio de representar o próprio discurso, depois os elementos do discurso, e em seguida os elementos desses elementos (sons/letras). (BENVENISTE, 2012, p. 115)

A escrita que permitiu a descoberta da língua participa da interpretância, pela língua, dos outros sistemas de signos. Derrida, que escrevia “não há signo linguístico antes da escrita”, estaria de acordo (DERRIDA, 1967, p. 25).

Conclusão: a escrita na base de um universo “laico”

Há uma observação com a qual Benveniste conclui sua lição/aula 14, em 24 de março de 1969, que, embora possa parecer anódina, parece-me muito vigorosa:

Com as recentes noções ligadas ao escrito – a oposição entre a letra e o espírito – aparece uma civilização “laica”, de alguma forma. (BENVENISTE, 2012, p. 125)

Essa afirmação – nuançada (“em alguma medida”), mas de qualquer forma proferida – tem sua fonte no fim da série de “análises terminológicas”; Benveniste encerra seu exame da forma pela qual “letra” é designada – e a partir de qual significação em diferentes línguas – pelo termo gótico *boka*:

O gótico *boka* é de grande importância, pois ele nos introduz em uma situação lexical complexa refletindo, ela própria, o conflito entre várias noções: o conflito entre a antiga e a nova escrita (rúnica/romana), a aparição de uma civilização do escrito (conta escrita; contratos e divórcios; cartas), a noção de Livro (santo) da Bíblia; por fim a oposição entre a letra e o espírito em São Paulo. Tudo isso é resultante de *bokos*, a “tabuleta escrita” (e *bokareis*, o escriba).

Vê-se bem que é estabelecida uma ligação entre “civilização do escrito” e “civilização laica”.

Longe de identificar a escrita ao exclusivamente sagrado, aos “Livros”, aos textos sagrados religiosos, que, recitados, repetidos de cor, são identificados ao domínio da palavra repetida e não ao domínio da escrita, Benveniste faz dessa invenção do homem uma revolução social e um modo de expressão heurística. Isto porque se a escrita é criadora e não somente repetitiva, ela é obrigatoriamente reflexiva. A escrita não é mais o apanágio do simples padre, mas é também o do “escriba”. A escrita permite então outra acessão ao caráter simbólico da linguagem: falar, transmitir sem a presença das coisas, mas também sem a presença dos seres a quem nos dirigimos.

“Laico” significa o não pertencimento ao clero, obviamente, a independência em relação ao clero. A escrita seria então secular, entrando no universo do comum, do ordinário, do não sagrado. A escrita vai permitir um distanciamento entre a letra sagrada, religiosa, intocável, e o espírito, a faculdade de pensar. Benveniste mostra como a escrita funda, na verdade, o não sagrado, a saber, a laicidade, um movimento de libertação do pensamento pela escrita.

Em suas oito lições sobre a escrita, Benveniste, longe de tentar simplificar uma questão, linearizar um domínio, cria um espaço epistemológico e metodológico. Ele abre uma interrogação

sobre um domínio que se encontrava em desenvolvimento²¹, mas detecta uma falha epistemológica ainda não explorada: a relação entre a escrita e a língua impõe uma metodologia inovadora, ao mesmo tempo arqueológica, filológica e linguística: o exame terminológico das designações e significações associadas a um mesmo termo. Longe de simplificar, portanto, ele avança complexificando o domínio da escrita; a escrita não é o Escrito, nem tampouco o escrito, não é a língua escrita, nem a simples transcrição da fala. É uma correlação, uma relação. Uma relação, um elo de afastamento do humano – aprisionado, de todas as maneiras, na linguagem – aos outros humanos, às suas atividades, à sociedade considerada em seu conjunto; relação da qual o humano não pode mais ser subtraído e que o excede, mas da qual se pode tentar compreender a função, à força de um retorno ao que nos dizem a escrita e os escritos sobre si próprios, à força de distinções e discriminações.

É nessa perspectiva que ele se distancia de Saussure: Benveniste deseja compreender o que a escrita acrescenta à economia do pensamento humano por via deste material que é a linguagem. Sua reflexão apoia-se em uma metodologia linguística, mas ela é de ordem tanto epistemológica quanto antropológica. Ele abre assim uma via pela qual se possa apartar a apreensão que temos da escrita, cotidiana e atual, de sua natureza própria e original, “primordial” em todos os sentidos do termo – retomando aqui essa palavra que inaugura suas aulas.

Benveniste retoma o desafio de Derrida de quando este se coloca o seguinte questionamento: “perguntemo-nos [...] em quê a língua [...] é uma possibilidade fundada na possibilidade geral da escrita” (DERRIDA, 1967, p. 72). E ele mostra, efetivamente, como a escrita semiotiza a língua. Ele responde a Derrida: se a tarefa do linguista é descrever a língua e compreender-lhe o funcionamento, a escrita, além de sua função de comunicação, apresenta-se então como ferramenta *necessária*.

Em Derrida, a escrita é “différance”, “a diferença em seu movimento ativo” (DERRIDA, 1967, p. 200), quer dizer, a fenda escavada pela linguagem entre o homem e o mundo. Em Benveniste, a escrita é diferença, em termos de dimensão meta que lhe permite constituir-se como língua; a escrita repele a naturalidade da linguagem.

Benveniste realiza uma mudança de *episteme*: a escrita semiotiza a língua; a língua semiotiza tudo e semiotiza-se a si própria pelo viés da escrita. Não há exterior, mas a visibilidade estrutural da escrita dá voz e vez à estrutura da língua.

Desprezado por Saussure, que nele só vê um artifício enganador – havendo nesse olhar de todo modo uma contradição ambígua, uma vez que a escrita encobre e desvenda a língua ao mesmo tempo –, evitado por Derrida, que subsume o termo *escrita* sob a noção de vestígio, arquivestígio, gramatologia ou *différance* – a depender do que ele deseja ressaltar –, o termo “escrita” é tomado tal e qual por Benveniste, que quer compreender-lhe o funcionamento em relação à língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTES DU COLLOQUE INTERNATIONAL DE L'UNIVERSITÉ PARIS VII. “Ecritures. Systèmes idéographiques et pratiques expressives, 1982. 22-24 avril 1980, org. par Anne-Marie Cristin, Paris, éd. le Sycomore.

ANNUAIRE DU COLLEGE DE FRANCE, 69^{ème} année, Paris, Imprimerie nationale, 1969.

BARTHES, Roland. “Situation du linguiste”, *La Quinzaine littéraire* n° 5, 15 mai 1966. (Repris dans *Œuvres complètes* II, Seuil, p. 815).

—. “Variations sur l’écriture” 1973, *Œuvres complètes* IV, Seuil, 2002, p. 267-316.

²¹ Ver Julia Kristeva, em seu prefácio às *Dernières leçons*, EHESS-Gallimard-Seuil, 2012, p. 22.

BENVENISTE, Émile. *Fonds manuscrits de la Bibliothèque nationale de France*.

____. *Fonds d'archives du Collège de France*.

____. *Origines de la formation des noms en indo-européen*, Paris, éd. Adrien Maisonneuve, 1935.

____. *Les noms d'agents et les noms d'action*, Paris, éd. Adrien Maisonneuve, 1948.

____. *Problèmes de linguistique générale*, t. I et t. II, Paris, Gallimard (coll. Bibliothèque des Sciences humaines), 1966 et 1974.

____. *Vocabulaires des institutions indo-européennes*, Paris, éd. de minuit, 1969.

____. *Dernières leçons. Collège de France, 1968 et 1969* (texte établi par J.-C. Coquet et I. Fenoglio), EHESS, Gallimard, Seuil, 2012.

CATACH, Nina (dir. par), *Pour une théorie de la langue écrite*, Paris, éd. du CNRS, 1988.

CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. "Le voyage à Pau avec Jacques Anis: retour sur le colloque de 1997 'propriétés de l'écriture'", *Linx* n° 60 : *Nonne scripta manent*, Paris, Université Paris Ouest, 2009, p. 67-72.

COHEN, Marcel. *L'écriture*, Paris, éd. sociales, 1953.

____. *La grande invention de l'écriture et son évolution*, Paris, Imprimerie Klincksieck, 1958.

COQUET, Jean-Claude. "Note sur Benveniste et la phénoménologie", *Linx* n° 26, 1992, p. 41-48.

DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*, Paris, éd. de minuit, 1967.

____. *L'écriture et la différence*, Paris, Seuil, 1967.

DIRINGER, David. *The alphabet. A key to the history of Mankind*, Londres et New York, Philosophical Library, 1948.

D'OTTAVI, Giuseppe. "Désigner et signifier le "savoir": pour une nouvelle entrée du *Vocabulaire des institutions indo-européennes* d'Émile Benveniste", 4^e CMLF, vol. 8, 2014, p. 393-407, <http://dx.doi.org/10.1051/shsconf/20140801321>

FENOGLIO, Irène. "Les notes de travail d'Émile Benveniste" in *Langage & Société* n°127 *Ecritures scientifiques. Carnets, notes, ébauches*, Paris, éd. de la MSH, 2009, p. 23-49

____. "Conceptualisation et textualisation dans le manuscrit de l'article "Le langage et l'expérience humaine" d'Émile Benveniste. Une contribution à la génétique de l'écriture en sciences humaines." in *Modèles linguistiques*, Tome XXX-1, vol. 59, Toulon, 2009 (disponible en ligne : <http://ml.revues.org/335>)

____. "Déplier l'écriture pensante pour relire l'article publié. Les manuscrits de 'L'appareil formel de l'énonciation'" in *Relire Benveniste. Réceptions actuelles des Problèmes de linguistique générale*, (E. Brunet et R. Mahrer eds), Louvain la Neuve, Academia, 2011, p. 261-302.

____. “1966: Benveniste publie les Problèmes de Linguistique Générale”, *Acta fabula*, vol. 14, n° 8, “1966, annus mirabilis”, Novembre-Décembre 2013, URL : <http://www.fabula.org/revue/document8286.php>

____. “Les Dernières leçons d’Émile Benveniste au Collège de France. Nouveau regard sur l’écriture”, *Le français aujourd’hui* n° 181, Paris A. Colin, 2013, p. 131-142.

____. “Linguistique générale et héritage saussurien dans les notes préparatoires du Cours de Benveniste, Collège de France 1963-64”. *Cahiers Ferdinand de Saussure* n° 67, Genève, éd. Droz, 2015, p. 69-89.

FENOGLIO, I. ; COQUET, J.-C. ; KRISTEVA J.; MALAMOUD Ch. ; QUIGNARD, P. *Autour d’Émile Benveniste*, Paris, Seuil (coll. Fiction et Cie), 2016.

FÉVRIER, James G. *Histoire de l’écriture*, Paris, Payot, 1948.

FOUCAULT, Michel. *Le beau danger*, Paris, éd. EHESS (coll. Audiographie), 2011.

FRAENKEL, Béatrice. “Marcel Cohen et l’écriture : autour de La grande invention de l’écriture et son évolution (1958)”, *Langage et Société* n° 128, Paris, éd MSH, 2009, p. 99-118.

GELB, Ignace J. *Pour une théorie de l’écriture*, Paris, Flammarion, 1973.

GENESIS. *Manuscrits. Recherche. Invention*, n° 35 : *Le geste linguistique*, Irène Fenoglio (eds), Paris, PUPS, 2012 (disponible en ligne : <http://genesis.revues.org/729>).

HARRIS, Roy. *La sémiologie de l’écriture*, Paris, éd. du CNRS, 1993.

KRISTEVA, Julia. “Émile Benveniste, un linguiste qui ne dit ni ne cache, mais signifie” Préface aux *Dernières leçons. Collège de France, 1968 et 1969*, EHESS, Gallimard, Seuil, 2012, p. 13-40

LAMBERTERIE, Charles de. “L’apport d’Émile Benveniste”, in *Faits de langues* n° 5, Mars 1995, p. 13-18.

Langages n° 24 : *Épistémologie de la linguistique. Hommage à Émile Benveniste* (J. Kristeva, eds), Paris, Larousse, 1971.

LINX. *Revue des linguistes de l’université Paris Ouest Nanterre La Défense*, n° 26: *Lectures d’Émile Benveniste*, Nanterre, 1992.

LINX. *Revue des linguistes de l’université Paris Ouest Nanterre La Défense*, n° 9 : *Émile Benveniste. Vingt ans après*, Nanterre, 1997.

LEROI-GOURHAN, André. *Le geste et la parole*, Paris, Albin Michel, 1964, 2 vol.

MILNER, Jean-Claude. *Le périple structural*, Seuil, 2002, p. 87.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. “L’œuvre d’Émile Benveniste”, *Linx* n° 26, Nanterre, 1992, p. 15-26.

NORMAND, Claudine. “Saussure-Benveniste”, *Cahiers Ferdinand de Saussure* n° 56, Genève, 2003, p. 125-131.

____. “Saussure-Benveniste: les aventures d’un héritage”, *Cahiers Ferdinand de Saussure* n° 63, Genève, 2010, p. 175-184.

QUIGNARD, Pascal. *Sur l’image qui manque à nos jours*, Paris, Arlea, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1972.

____. *Écrits de linguistique générale*, Gallimard, 2002.

TESTENOIRE, Pierre-Yves. “Sur la conceptualisation de la langue écrite dans les théorisations linguistiques du début du XX^e siècle” in Lefebvre J. et Puech Ch.(eds) *Les dossiers de HEL : Écriture(s) et représentations du langage et des langues*, 9,p.34-46.